

## IRONIA, KYNISMUS E ASCESE: ELEMENTOS PARA EPISTEMOLOGIA DO ESTILO EM NIETZSCHE

RAFAEL DOS SANTOS RAMOS<sup>1</sup>; CLADEMIR LUÍS ARALDI<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas1 – rafaelfilosofi@gmail.com1

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas2 – clademir.araldi@gmail.com2

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho versa sobre a ironia, bem como seu potencial epistêmico e estético. Em particular, nos esforçamos em relacionar a ironia herdada da escola helênica cínica com o pensamento tardio de Nietzsche. Para tanto, lançamos mão do problema. Será a ironia um conceito promissor para estabelecer uma sólida relação filosófica, entre o epistêmico e o estético (relação do verídico com o *estilo*) na filosofia tardia de Nietzsche?

Para subsidiar o questionamento alcâmos os seguintes objetivos, a saber, expor elementos da reflexão nietzschiana acerca do *kynismus*, bem como sua noção de *estilo* na *Genealogia da moral* (GM) e no *Crepúsculo dos ídolos* (CI), articulado a como condição de possibilidade para, a partir da ascese do espírito em *Assim falou Zarathustra* (ZA) – (re)interpretar a ironia (como transgressão positiva), não vulgar, assim buscamos elucidar alguns elementos de cunho ético-estético que são imprescindíveis para observar alguma epistemologia do *estilo* passível de ser detectada no pensamento tardio de Nietzsche.

### 2. METODOLOGIA

A proposta metodológica que nos servimos aqui é de uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, que visa oferecer algumas bases teóricas sobre filosofia seja de uma perspectiva ética, estética ou epistêmica, em especial, à crítica de Nietzsche sobre a tradição moral, no entanto, procuramos ultrapassar sua concepção apenas crítica, buscando elementos em sua literatura filosófica que possa dialogar com os problemas contemporâneos bem como suas demandas de cunho ético-estético e epistêmico.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dizer que Nietzsche supera a si mesmo, em função de exprimir uma própria teoria, especialmente no seu pensamento tardio, significa dizer que todas suas perspectivas antes defendidas – foram atualizadas (tanto sua concepção de arte e também, o próprio olhar que outrora observou com esmero o cinismo). Exemplo disso, podemos conferir em CI (1887), X, II em que destaca no “artista” Platão, algumas características que o fazem o primeiro *décadent* do estilo, ao passo em que o aproxima dos cínicos gregos, nas palavras do Nietzsche (1888):

Platão, assim me parece, junta confusamente todas as formas de estilo, é o primeiro *décadent* do estilo: **carrega uma culpa semelhante à dos cínicos** [grifo nosso] que inventaram a satura Menippea<sup>1</sup>. Para achar

<sup>1</sup> Na tradução de Paulo Cesar de Souza encontramos a seguinte nota: “Satura Menippea: sátira menipeia – gênero literário romano que se inspirou em Menipo de Gadara (séc. III a.C.), cínico grego que satirizou os contemporâneos numa mistura de prosa e verso. Nenhum de seus treze livros chegou até nós, mas o romano Varrão (116-27 a.C.) imitou-o nas *Saturae Menippeae*.” ([PCS In:] NIETZSCHE, 2017, p. 110)

graça no dialogo platônico, esse tipo de dialética espantosamente presunçoso e infantil, é preciso jamais ter lido os bons franceses (...) Platão é entediante. (NIETZSCHE, 2017, p. 86)

Entendemos aqui não apenas alguma depreciação aos cínicos, ao aludir alguma culpa (singular) aos mesmos, pois esses desenvolviam exercícios ascéticos de acordo com sua arte de viver, coerente com seus pressupostos que emergiam da necessidade que provinha o preço de sua cidadania (ou seja, as “dificuldades sociocultural”).

O lugar de Platão como ponto de partida para “décadent” do estilo, é uma importante chave de leitura para entender o protagonismo e singularidade da arte, no pensamento tardio de Nietzsche. Período que reclama, não apenas uma coragem do falar franco cínico, do qual seria possível aproximar da honestidade (que demanda a noção de “espirito livre”), mas a superação criativa do niilismo moderno. Sendo a arte necessária a um espirito que almeja algum estilo afirmativo para o criar, no complexo das forças vitais, ou seja, alguma ironia transvalorada, capaz de plasmar no sofrimento (por exemplo, mas não apenas) algum registro psicológico à lá poetas trágicos (como em Cl).

Esse é o tipo de proposição que atravessa as obras de Nietzsche, atribuindo ao que concebe enquanto nobre – o sul da França, etc., daí competir a questão em aberto dos valores em Nietzsche, pois o autor não está buscando as condições de possibilidade do juízo estético, mas aponta para um tipo de gosto, que perpassa uma multiplicidade de noções caras e importantes para compreensão de sua filosofia. Conceitos sugestivos que podem nos inspirar a supor alguma “grande política” (das forças) hierarquizada(s), “aristocracia do espírito”, ou ainda, a “grande saúde” para “além do homem”, o amor ao fado! Basta se perguntar: para que a psicologia nas teorias de Nietzsche?

Em resumo podemos dizer: para ocupar-se das demandas que implicam a dor – a imagem das dionisiacas simbolizavam a relação humana com o sofrimento a partir de um registro afirmador da vida, pois ao lidar com as dores do parto (no mundo antigo antes de Platão) teríamos alguma referência singular, Nietzsche destacar aí – a importância da psicologia do orgiástico (em Cl), bem como sua função em não demonizar a sensualidade.

O signo do nascimento é moeda corrente na veneração da vida entre os gregos antigos, seus modos de se construir frente aos sofrimentos necessários e circunstanciais, permitem um modo peculiar de afirmação da vida.

Se por um lado, Nietzsche trata com esmero parte da tradição grega que antecedera Platão, não obstante, por outro lado, apesar de suas duras críticas, em alguma medida, Nietzsche parece salvaguardar elementos do nefasto niilismo, com os resultados da segunda formação da “má consciência” (GM) ocorrem, uma espécie de tecnologia radicalmente desenvolvida no ocidente, a saber, o ascetismo e o ideal ascético<sup>2</sup>. Ou seja, certa psicologia do erro que permitiu algum aprimoramento nas etapas ascéticas, pois são essas últimas que permitem ao espirito alguma (re)configuração favorável (ou não) a ser usado a nosso proveito.

Há um evidente processo ascético na transmutação do espírito no ZA, não como um passo a passo de uma técnica ou teoria normativa, mas como imagens

<sup>2</sup> Esses temas são desenvolvidos com profundidade em GM, 3<sup>a</sup> dissertação. Aqui lidamos com a noção de ascese apenas de forma alusiva e, a partir das “transmutações do espirito” (em ZA, liv. I) como exemplo do rigor que envolve a criatividade pensada pelo Nietzsche tardio, para tão logo, postular algum uso da ironia a partir da criatividade “ascética” em Nietzsche.

que demonstram diferentes etapas “um movimento unidirecional (não dialético)”<sup>3</sup>, que descrevem etapas necessárias (segundo o autor) para o desenvolvimento de nossa criatividade, pois é na imagem da criança, que é posta em ZA estrategicamente em seguida, do camelo e o leão. Para pensar em alguma aproximação entre os conceitos de ironia cínica e ascese nietzschiana, lançamos mão da seguinte questão: o que tem haver a ironia com a criatividade no pensamento tardio de Nietzsche?

Resposta resumida, a saber: a implicância da existência com a disciplina (da obediência/dever) e o engajamento do desejo (querer), ou seja, certo processo necessário que envolve simultaneamente a ação e o agente, não exatamente nesta ordem, mas também inversamente, assim culminamos na descrição de certas condições de possibilidade para ascese criativa a partir de possíveis contribuições nietzschianas para pensar a contemporaneidade. Para argumentar esse posicionamento, sugerimos inferir algum lugar da imagem do cão (ironia inspirada em Diógenes), ou seja, – se aproximado (o cão/cínico) das figuras do camelo (disciplina/obediência) e do leão (força/querer), condição segundo Nietzsche em ZA para imagem última na ascese, a saber, a imagem da criança (criatividade/inocência) não como simples espontaneidade para brincar alegremente, mas como certa inocência que permite alguma liberdade para os desejos (leão) que na sua base (camelo) está forjado, na disciplina que envolve o dever.

Sem a ascese primeira, não há plasticidade para novos valores afirmativos, daí a liberdade conectar-se diretamente com a estética, nas palavras do autor:

Criar liberdade para si e um sagrado. Não também ante o dever: para isso, meus irmãos, é necessário o leão.

Adquirir o direito a novos valores – eis a mais terrível aquisição para um espírito resistente e reverente. (...) Ele amou outrora, como o que lhe era mais sagrado, o “Tu deves”; agora tem de achar delírio e arbítrio até mesmo no mais sagrado, de modo a capturar a liberdade em relação a seu amor: é necessário o leão para essa captura.

Mas dizei-me, irmãos, que pode fazer a criança, que nem o leão pôde fazer? (...) Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer- sim.

Sim, para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer -sim: o espírito quer agora sua vontade, o perdido para o mundo conquista seu mundo. (NIETZSCHE, 2011, pp. 28-29)

Nietzsche sugere para segunda metamorfose “capturar a liberdade em relação a seu amor”, daí o leão servir no processo ascético, mas é a etapa da imagem da criança, em que é possível “um novo começo”, “um jogo”.

#### 4. CONCLUSÕES

De porte dos estudos podemos retomar a ironia, não com a “culpa que carrega os cínicos” (em CI), mas a partir dos resultados produzidos pela ascese do espírito em ZA. Nesse sentido, temos elementos para compreender Nietzsche como um new cínico, que graças ao potencial criador do humano – como

<sup>3</sup> Araldi em “Das três transmutações”: *indicação para uma nova arte de viver* destaca várias interpretações possíveis acerca da ascese do espírito em ZA, aqui atenuamos para a seguinte constatação: “As três figuras (o camelo, o leão, e a criança) estão, no entanto co-implicadas, de modo a constituir etapas necessárias de um movimento unidirecional (não dialético) do espírito. (... )” (ARALDI, 2014, p.12).

resultado da ascese mencionada, pode operar com a ironia em um registro afirmador, ou seja, ironia como algum ornamento (afirmador) no estilo e não um estilo necessário como era o caso da militância cínica na antiguidade, com isso dispomos da ironia como importante conceito “ferramenta” para se pensar a epistemologia com a estética no Nietzsche tardio.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia** / Nicola Abbagnano; tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilhos Benedetti. – 5ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARALDI, Clademir Luís, **Seara Filosófica**. “Das três transmutações”: indicações para uma nova arte de viver, 2014

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/searafilosofica/article/view/4548/3922>

Nietzsche, Foucault e a arte de viver – Pelotas: NEPFIL Online, 2020. 126p. - (Série Dissertatio Filosofia). Consultado em: 20/02/2020, [http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/6265/1/Nietzsche\\_Foucault\\_e\\_a\\_arte\\_de\\_viver.pdf](http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/6265/1/Nietzsche_Foucault_e_a_arte_de_viver.pdf)

LIMA, Márcio José Silveira. **As artes de Proteu: perspectivismo e verdade em Nietzsche**. PR: CRV, 2018 – Coedição: São Paulo, SP: Humanitas, 2018.

NIETZSCHE, Friederich **Assim Falou Zaratustra**. Tradução, notas e posfácio Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

**Crepúsculo dos Ídolos: ou como se filosofa com o martelo**. Tradução, notas e posfácio Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Cia das Letras. 2006.

**Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução notas e posfácio Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.